

....”muito dinheiro no bolso e saúde pra dar e vender.”

...traz felicidade??

Silvia Jacon Bolen

Qualquer um de nós, cidadãos do “terceiro mundo”, que já acumulou certa experiência em viver num país do “primeiro mundo”, pode atestar com segurança que riqueza e felicidade não necessariamente coabitam a mesma morada. Na Europa por exemplo, a arquitetura sólida e sofisticada de suas capitais, a aparentemente eficiente organização dos serviços públicos, as cores discretas e a expressão séria e compenetrada do europeu podem sem dúvida nos causar uma impressão de desenvolvimento e civilização, mas, de longe, o sorriso aberto do povo africano em seus trajes vivamente coloridos, típicos dos trópicos, ganham a parada em nos causar uma impressão de contentamento e a sensação de estar de bem com a vida.

O interessante é que não se precisa ir muito longe para saber que os povos do “terceiro mundo” tem motivos pra lá de suficientes para a “infelicidade geral de suas nações”: as más condições de vida, guerras civis, fome, ditaduras, caos nos serviços públicos, assistência médica deficitária, são alguns deles para se dizer o mínimo. Por outro lado não seria justo afirmar que os povos do “primeiro mundo” sofrem porque querem e que eles só precisariam olhar um pouquinho mais adiante para se dar conta de que a grande maioria de nós, habitantes deste planeta, está lutando com questões talvez bem mais fundamentais e imediatas do que aquelas que os afligem (muito embora por vezes seja difícil resistir a tentação). Não, parece que para o sofrimento e infelicidade humana todos os povos são iguais, independentemente de credo, raça ou renda per capita. Mas por que será que uns são mais iguais do que os outros ?

Aqui vai um pouco de estatística para aqueles que preferem dados empíricos: na década de 80, uma pesquisa realizada em países do oeste europeu incluía a tão famosa pergunta: “você é feliz?”. Os alemães (os mais ricos da população pesquisada) foram aqueles que tiveram os resultados mais desanimadores enquanto que os irlandeses e portugueses (os primos mais pobres) pareciam ser os mais satisfeitos com a vida. Em 1998, uma pesquisa elaborada pela Angus Reid Group construiu o que eles chamaram de “Índice de Esperança” perguntando às pessoas de todo o mundo o quão otimistas elas se sentiam com relação ao futuro. O pessimismo reinou com soberania na Europa, particularmente nos países às margens do Reno. Na Alemanha somente 18% dos pesquisados se mostraram positivos com relação ao futuro, na França apenas 17%. Por outro lado a África do Sul e Brasil atingiram índices de 42% e 64% respectivamente. Os resultados dessas pesquisas nos levam a pensar que o bem estar emocional parece estar em e proporção inversa ao sucesso econômico de um povo, qual seria a explicação para esse fenômeno?

“Pergunte a ti mesmo se és feliz e deixarás de sê-lo”, escreveu John Stuart Mill mais de 100 anos atrás. Para os intelectuais a felicidade é uma “diselegância” das pessoas cultas. Muitos membros desse clube acrescentariam que

apenas pessoas superficiais e sem sofisticação se sentem felizes. Os filmes de final feliz não tem mais chance junto a crítica cinematográfica. Aqueles que ainda alcançam algum sucesso junto ao público normalmente são classificados como comédias, como se ser feliz fosse uma idéia patética, digna de se rir a respeito. O mesmo ocorre com novelas e peças teatrais. Angústia e infelicidade humana parecem estar diretamente associadas com profundidade e significado. Para o intelectual não é tanto que ignorância significa felicidade mas que felicidade significa ignorância. Descer às profundezas do seu próprio ser e se fazer perguntas inteligentes e fundamentais não combina com felicidade. O objetivo da vida nesse caso passa a ser a busca da verdade. A felicidade passa a ocupar lugar secundário na lista de prioridades daqueles que “realmente” buscam o sagrado sentido da vida. Nesse ponto me refiro à Alice Miller (psicoterapeuta e autora de vários livros) que escreve sobre a questão da felicidade não ter tanto a ver com a resposta à pergunta “qual o sentido da vida” mas com o “por que” das pessoas se fazerem essa pergunta. Não seria justamente porque a vida de quem está perguntando não faz sentido nenhum?

Curioso também é o Catálogo de desenvolvimento humano das Nações Unidas que classifica os países de acordo com a renda per capita, índice de alfabetização e expectativa de vida dos povos. Não é de se surpreender que esses critérios sejam determinados por pessoas provenientes de países com alta renda per capita, altos índices de alfabetização e longa expectativa de vida. Nesse catálogo uma nação como o Brasil, por exemplo, com uma grande proporção de pobres analfabetos que morrem cedo, atingiria o índice de desenvolvimento igual a zero enquanto que uma nação de neuróticos com 2 Ph.D.s cada um e com uma expectativa de vida de 90 anos de idade receberia o índice nota cem! Estranha lógica da nossa civilização...

Mas quem não conhece a estória do empresario que estava de férias numa vila de pescadores perto de Porto Seguro? Na praia ele observava um pescador voltando do mar por volta de uma da tarde. “Hei! por que é que você não trabalha até mais tarde e traz mais peixes pra vender?” pergunta o empresario. “Porque eu quero fazer a siesta com minha mulher e brincar com minhas crianças” responde o pescador. O empresario não se dá por satisfeito: “Se você vendesse mais peixes você poderia comprar um segundo barco de pesca! Com o tempo quem sabe uma frota inteira! Você poderia até se tornar diretor de uma grande empresa de pesca, mudar-se para Nova York e fazer negócios em Wall Street e eventualmente tornar-se um milionário!” “E daí Senhor? O que eu faria depois?” pergunta o pescador. “Dai vem a melhor parte”, responde o empresario. “Voce se aposenta, muda pra uma vila de pescadores em Porto Seguro e faz a siesta todo dia com sua esposa e brinca com suas crianças...”